

A COMUNICAÇÃO COMO FORMA DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL

Palestra do Cel Octávio Costa, Chefe da AERP, feita, de improviso, no dia 17 de junho de 1971, na 1ª Conferência Nacional de Tecnologia Educacional, realizada no Hotel Glória, no Rio de Janeiro.

PALAVRAS DE INICIAÇÃO

Permitam-me, de início, uma confidência muito pessoal. Há cerca de três anos, quando ainda estava à frente do Centro de Estudos de Pessoal (CEP), êsse notável laboratório de problemas do homem — voltado sobretudo para os aspectos psicológicos e educacionais — que o Exército plantou ali, no Leme, em uma velha fortaleza, fui mandado apresentar-me, no Ministério das Minas e Energia, ao coordenador geral de um grande projeto de interesse nacional.

Conheci, então, um homem extraordinário — dinâmico, vibrátil, idealista — que, de giz na mão, foi antecipando, no quadro-negro, o trabalho de uma comissão. "Nesta cadeira, sento eu. Aqui, um grande matemático, um químico, um homem de petróleo, um homem de carvão. Ali, um administrador, um representante da empresa privada; lá, um economista e também o que houver de melhor em matéria de estatística. Mas veja: esta cadeira está vazia. Para mim é indispensável ter aqui alguém que não entenda nada disso tudo, alguém que, não sendo profundo em estatística, economia, empresa privada, administração, carvão, petróleo, química e matemática, seja, no entanto, capaz de fazer com que êsses mundos, assim tão especializados, se falem uns aos outros, e também capaz de, em pouco tempo, perceber as idéias fundamentais de cada mundo."

Sinto-me, hoje, igual àquele dia de minha apresentação ao Ministério das Minas e Energia: o mesmo constrangimento de quem nada sabe, o mesmo respeito pelos homens que vão ao fundo dos problemas, a mesma preocupação de dar de mim o que possa na tarefa a que fui chamado.

Com êstes sentimentos, atendo, profundamente sensibilizado, ao convite do eminente Conselho dos Reitores das universidades brasileiras.

Desejo esclarecer que, para o trato do tema proposto, trago, apenas, alguma vivência leiga sobre os problemas do ensino — havida sobretudo quando à frente do CEP; alguma vivência leiga dos problemas de comunicação governamental — em que agora me empenho no imperativo do exercício de minhas funções; e a vivência de toda a vida na intimidade de terras e homens do Brasil.

Homem sem tecnologia e sem planejamento, do improviso e das idéias genéricas, quero deixar bem claro que não irei situar-me tão-só no nível universitário, e que não penetrarei nos meandros da tecnologia educacional propriamente dita, preferindo, isto sim, refletir a minha visão geral da comunicação como forma de tecnologia educacional.

Creio que o meu tema exige que eu tente, assim de princípio, a caracterização do panorama da educação no mundo e no Brasil, bem como procure ver como anda a comunicação em nosso País.

CARACTERIZAÇÃO DO PANORAMA DA EDUCAÇÃO NO MUNDO

Sinto a ânsia mundial de mudança.

Creio estarmos vivendo a revolução educacional decorrente da segunda revolução intrínseca da espécie humana, que, depois de ter sido aliviada do trabalho físico, começa a se aliviar, pelo computador, do trabalho intelectual.

Há, no mundo, o desafio da educação em grande escala. Implantam-se e se consolidam, nos países desenvolvidos, sistemas de tecnologia educacional, caracterizados, sobretudo, pelo ensino assistido por computador, emprêgo de satélites, ensino programado, máquina de ensinar.

Estamos todos participando da reformulação dos velhos conceitos de escola e professor.

E é preciso compreender que a distância entre a descoberta e a utilização dos novos engenhos é cada vez menor, o que muitas vezes torna os equipamentos obsoletos antes que possam ser implantados nos países importadores de tecnologia.

CARACTERIZAÇÃO DO PANORAMA DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A cena dos avanços tecnológicos mundiais nos encontra, aqui no Brasil, em plena expansão educacional, dobrando em dois anos o número de matrículas; em plena reforma de ensino em todos os níveis, em sentido de mais dinamismo, flexibilidade, realismo e objetividade.

Empenhados em um imenso esforço de alfabetização, em grande escala de continuidade no tempo e no espaço — o primeiro movimento

digno dêsse nome já feito em verdade neste País — precisamos, no entanto, reconhecer que, precisamente por falta de tecnologia, fomos levados a conduzir este grande projeto dentro do princípio da descentralização dos esforços da execução.

A revolução mundial da educação nos encontra empenhados na formação de contingente humano de cientistas e técnicos exigidos pelo nosso desenvolvimento; no grande esforço nacional de integração de terras e homens; empenhados, não apenas em acelerar o ritmo de nossa expansão educacional, mas em absorver o grande *deficit* de educação de todos os níveis; na grande motivação nacional para o progresso; e vivendo a grande hora de aceleração do processo de desenvolvimento, sintonizado com o anseio de justiça social, naquele empenho caracterizado pelas palavras do Presidente Médici, no sentido da "mais justa distribuição da renda para que o Brasil seja, afinal, um tecido homogêneo de terras e homens, e não mais o chão de tôdas as desigualdades".

A revolução da tecnologia educacional encontra o Brasil como um universo heterogêneo e vário, em que faz pouco tempo, muito pouco tempo, muito pouco, e somente agora, e timidamente, começamos a generalizar o conceito de professor de tempo integral, e em que, somente agora, a Universidade, a quem se acusava de ser alienada da vida, se abre toda para a vida.

Essa revolução encontra um Brasil de profundos contrastes educacionais. Ai estão, em um dos extremos, a Universidade de São Paulo (USP), com a sua Comissão de Tecnologia da Educação em pleno funcionamento, desenvolvendo programas avançados de Tecnologia, e essa admirável Universidade de São Carlos, sem dúvida o motor desta Conferência. Enquanto isso, no outro extremo, universidades existem que são meras associações de escolas desprovidas de condições mínimas de instalação, não se podendo negar também as regiões totalmente desprovidas de professores, outras em que a carência de recursos deixa o magistério longos meses atrasado, enquanto até, em certas partes do País, populações vivem à margem do processo civilizatório.

CARACTERIZAÇÃO DOS MEIOS BRASILEIROS DE COMUNICAÇÃO

Em contraste, vemos, no Brasil, a comunicação, malgrado tôdas as dificuldades em plena expansão, com um enorme potencial de talento e com marcante representatividade em nível mundial.

Dentre êsses aspectos, gostaríamos de assinalar a força do teatro, do cinema e da música brasileira, das artes plásticas e da literatura, das técnicas de publicidade e propaganda, o vigor da criatividade de nossa imprensa, a multiplicação de emissoras de televisão, muitas delas destinadas a fins educativos.

Comparando as atuais condições de nosso sistema educacional com a situação do Brasil em termos de comunicação, concluímos que a comunicação tem enorme potencial educacional ainda não perfeitamente aproveitado e que, na hora em que se lança o olhar à frente, num debate assim amplo sobre tecnologia aplicada à educação, urge aproveitá-lo.

Concluímos que há falta de comunicação entre as universidades brasileiras, e que, por outro lado, a própria Comunicação não se comunica, dado que existem tantas disponibilidades à espera de utilização.

REFLEXÕES SOBRE O APROVEITAMENTO DO POTENCIAL DE COMUNICAÇÃO

Cumpre-nos, pois, contribuir, com algumas reflexões, no sentido de aproveitamento educacional do grande potencial de nossos meios de comunicação.

A IMPRENSA

Começemos pela imprensa, e queremos refletir sobre ela à vista de fatos concretos. Veja-se, para começar, a contribuição de jornais e revistas quando dos lançamentos espaciais. Suas páginas nos oferecem um volume de divulgação científica, em linguagem direta, objetiva, ilustrada, que nos permite ultrapassar, em poucos dias, os conhecimentos de astronomia que fomos reunindo ao longo de muitos anos.

Pensem também no que a Imprensa faz com os nossos conhecimentos de Geografia, quando ocorre calamidade pública ou revolução numa jovem república africana ou nessas velhas monarquias asiáticas.

Acreditando que os jornalistas venham conseguindo fazer a geografia e a astronomia progredirem mais na inteligência dos jovens que muitos livros e professores, fico a pensar nos resultados que se poderiam alcançar com a maior identificação entre a Imprensa e a escola.

Nesse sentido, li, há poucos dias, carta de uma vitoriosa publicação sobre Jornalismo e Comunicação, dirigida aos professores de nossas Faculdades de Comunicação. Pedia-se aos professores o envio de uma análise sobre o conteúdo da publicação e de sugestões no sentido da adequação dos cadernos de jornalismo e comunicação às necessidades dos currículos escolares. Creio que essa publicação especializada está no caminho certo, buscando maior integração com a Universidade, e que essa integração da Imprensa com a Universidade haverá de ser muito fecunda e benéfica aos interesses das duas partes.

Considerada a concorrência do rádio e da televisão, e até que se implante uma Imprensa revolucionária em que — permitida me seja a projeção futuroológica — haveremos de receber, em nosso receptor domiciliar, a última edição do jornal da capital mais distante, creio que as tendências do jornal serão no sentido de buscar a análise interpretativa do fato e não mais o privilégio de ser o primeiro a dar as últimas, e de buscar a exploração dos grandes temas da comunidade. Agora, e cada vez mais, o jornal, e ainda mais a revista, para recortar, para guardar, para durar: departamento de pesquisa, caderno especial, jornal de ciência, jornal do futuro.

E que dizer da Imprensa do interior do País? Deve o jornal da pequena cidade ou mesmo da capital dos Estados menores ser mero repetidor da Imprensa maior? Tende a desaparecer, asfixiado pelo grande jornal que vem de longe? Deve continuar ecoando uma realidade diferente da sua, ou manter-se fiel à velha vocação da intriga política de arralal?

Creio que também para a Imprensa do interior o caminho da sobrevivência e da afirmação parece ser, cada vez mais, o jornal para guardar.

O apêlo de "Cadernos de Jornalismo e Comunicação", aos professores universitários, faz-nos pensar nas revistas especializadas de Medicina, Engenharia, Direito, e tantas outras, nem sempre muito objetivas em sua linha editorial. Consideradas a maior flexibilidade do periódico em relação ao livro e a notável expansão de nossa indústria gráfica, podemos imaginar os resultados da maior integração entre Imprensa, Universidade, Empresa e Governo, no sentido da aceleração do processo educacional em todos os níveis e tirando maior partido dos recursos tecnológicos de nossa indústria gráfica, que realiza o milagre de publicar regularmente, em um país subdesenvolvido, revistas, material e editorialmente, tão bem feitas quanto as melhores que se publiquem em países e em idiomas em que se tenha a garantia de alguns milhões de leitores.

A TELEVISÃO

Estou firmemente convencido de que dificilmente poderá haver algum país que tenha importado, mais do que o Brasil, equipamentos para emissoras de televisão. Quase tôdas as capitais de Estado e até mesmo algumas de suas cidades principais possuem canais próprios ou estações repetidoras.

Há, além disso, verdadeira proliferação de tevês educativas, nem sempre utilizadas em todo o seu potencial, ou ao menos, com um razoável conhecimento de suas técnicas.

Aí está, ainda bem vivo, a mostrar o valor educacional da própria televisão comercial, o recente episódio da doméstica que se

fêz universitária no impulso das imagens de televisão, porque, tendo a televisão da patroa um dia lhe mostrado um transplante de coração, pôs o seu coração no sonho de cirurgia.

Creio que a televisão pode ser aproveitada muito mais no conhecimento da realidade brasileira, por meio de documentários, em que se alie a imaginação à objetividade, em que o nosso homem e a nossa terra sejam os pólos de nossa fixação, em que se divulguem os desafios brasileiros, em termos de experiências vivenciais, de apresentação dos aspectos fundamentais de cada profissão e das perspectivas que cada uma das regiões brasileiras oferece à inteligência criadora das novas gerações.

Veja-se, por outro lado, o campo que o filme e a novela para televisão podem oferecer à pesquisa histórica e à pesquisa literária.

O RÁDIO

Embora o rádio seja, dos meios de comunicação de massa, aquele, no Brasil, de maiores serviços à causa da Educação, talvez pelo idealismo de Roquette Pinto, achamos que não existe ainda uma sistemática utilização para fins educacionais.

Essa utilização poderia ser mais ampla, principalmente nas radloemissoras menores, de cidades do interior, que poderiam fecundar melhor o seu tempo, perfeitamente sintonizadas à escola, em lugar dos famosos programas do "presente musical que Maria oferece a seu querido João".

O TEATRO

Talvez tenha sido o teatro, dentre os meios de comunicação, aquele em que maior integração venha existindo entre a Comunicação e a Educação, talvez pelo idealismo de homens como Pascoal Carlos Magno, talvez pela sedução dos jovens pela arte cênica. O teatro universitário tem alcançado em vários pontos do País altos índices culturais, inclusive com repercussão internacional.

Mas é preciso pensar também em teatro menos cultural, porém mais plantado na realidade brasileira. Imagino um teatro universitário, errante e idealista, em cada Estado da Federação, a levar, aos cafundós da terra e à simplicidade da gente do interior, a teatralização de hábitos alimentares, higiênicos, sanitários, assim como preceitos fundamentais de educação popular. Creio que o Projeto Rondon poderia ser também pioneiro na experimentação de um teatro assim voltado para a humanização de tantas vidas que ainda se acham em condições quase subumanas.

O CINEMA

Na hora em que a inteligência do magistério se abre ao futuro, nas indagações da tecnologia educacional, seria oportuno cadastrar o que realmente existe, afóra os filmes importados e nem sempre bem adaptados à nossa pedagogia, em matéria de filmes de ensino.

E seria o caso de também fazer o levantamento dos filmes educativos existentes, nas prateleiras do Instituto Nacional do Cinema (INC), criado, de início, exatamente com essa finalidade, tanto que primeiro se chamou INCE, para depois ser alargado para todos os horizontes do cinema.

Não cabe aqui indagar se as necessidades nacionais de filme educativo não foram convenientemente abastecidas por falta de interesse das universidades na produção do INC, ou se por falta de atendimento das necessidades universitárias pelo INC; o que nos cabe lamentar é que, dispondo o Brasil de um imenso potencial de criatividade cinematográfica, chegue a hora de passarmos, da fase do filme de ensino, para a fase da teleaula, dos circuitos fechados de televisão, dos sistemas de computadores de múltiplos terminais — destinados ao ensino assistido por computadores — sem que se tivesse esgotado essa fase intermediária.

O PAPEL DAS FACULDADES DE COMUNICAÇÃO

Inúmeras universidades dispõem de Faculdades de Comunicação, com uma gama variada de cursos subordinados: Jornalismo, Relações Públicas, Cinema, Artes Dramáticas, Propaganda e Publicidade.

Discutem-se organizações e currículos, propósitos e destinações. Reformulam-se legislações referentes ao exercício das categorias profissionais, considerada a conveniência de exigir-se formação universitária desses especialistas.

Devo confessar que o meu entusiasmo pela grande evolução operada nos últimos anos nesse campo sofreu há dias séria decepção. É que ouvi de um grande capitão de nossa indústria gráfica, responsável por vários periódicos de indiscutível aceitação nacional, que essas Faculdades ainda estavam totalmente desligadas da vida, pois, dos muitos que, todo ano, ali se formavam, raros eram os que haviam alcançado objetivos comportamentais, em condições mínimas de utilização inicial em sua empresa. Que isso se dava porque os cursos eram totalmente teóricos, não tendo boa parte dos professores qualquer experiência profissional aplicada.

Penso que essas Faculdades têm importante papel na integração entre a Comunicação e a Educação, entre os meios de comunicação de massa e a Universidade, assim como no advento de uma nova tecnologia educacional.

Penso que, voltadas para fora, podem as Faculdades de Comunicação contribuir para a maior utilização da Comunicação como forma de tecnologia educacional.

Penso que, voltadas para dentro da Universidade, podem as Faculdades de Comunicação contribuir para a mais rápida absorção dos novos processos tecnológicos e, ainda que sem a aquisição de equipamentos altamente sofisticados, podem essas escolas de formação de comunicadores contribuir para a obtenção da melhor comunicação de parte dos agentes da Educação, até porque, na escola que se vai renovando no mundo inteiro, a tarefa de ajudar os educandos a se ajudarem a si mesmos parece dever ser exercida por homens que mais se aproximam de comunicadores que de professores no sentido tradicional.

Essa tendência está, pois, a exigir a formação de comunicadores, em nível superior e altamente especializado.

Inspirado no testemunho do eminente Professor Samuel Fromm Netto, quando se referiu à colaboração prestada, às suas pioneiras tarefas de membro da Comissão de Tecnologia da Educação, da Universidade de São Paulo, à colaboração do pessoal técnico da TV Educativa, deixo aos professores aqui reunidos a reflexão de que o processo de absorção de uma nova tecnologia educacional, pela Universidade brasileira, não pode prescindir do concurso dos homens voltados para a Comunicação, atuem na empresa privada ou sejam os próprios companheiros de suas Faculdades de Comunicação.

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO

Os meios de comunicação têm um imenso campo de atividades na educação popular, sobretudo no referente à educação para o desenvolvimento.

Creio que esse papel pode ser desempenhado, não só pela comunicação de natureza governamental, senão também por todos os meios e veículos de comunicação, até mesmo por aqueles de finalidade comercial. Acho que isso vem sendo feito de forma crescente e com um saldo bastante positivo na mudança do estado anímico que o povo brasileiro vem experimentando nos últimos vinte meses.

Segundo o princípio de que o homem se educa através do meio ambiente; segundo o princípio de que o esforço pelo desenvolvimento começa por ser um estado de espírito, ou melhor, que um país não é subdesenvolvido pelas suas carências de natureza material, mas sim por suas carências humanas; segundo o princípio de que nenhum esforço pelo desenvolvimento se faz em meio à indiferença, ao alheamento, à descrença, à desconfiança, ao divisionismo, ao ódio, ao pessimismo e à iconoclastia, parece ser do dever de todos

os comunicadores contribuir para a mudança anímica do meio ambiente, enquanto os responsáveis pela administração pública empenham-se em melhorar as reais condições do meio em que vive o nosso homem, assegurando-lhe uma infra-estrutura social básica, que, assim melhorada, irá favorecer o processo educacional.

Dêsse propósito de contribuir de alguma forma para a motivação popular para o desenvolvimento, a comunicação governamental, em termos de cinema e televisão, preferiu adotar uma linha de estímulos motivadores em detrimento das costumeiras e ultrapassadas linhas de divulgação institucional ou da sempre condenável promoção personalizada.

Outro aspecto de educação popular para o desenvolvimento, que há muito vem preocupando psicólogos sociais e comunicadores, diz respeito às questões ligadas a mercado de trabalho, à descoberta de nossas próprias aptidões e ao encontro de oportunidades e caminhos que, ensejando a realização dessas aptidões, realizem a nossa vida.

Sonha a comunicação de governo em colocar o seu potencial a serviço de uma informação ocupacional que facilite a busca de talentos e vocações, enseje a democratização das oportunidades, ao tempo em que contribua para a absorção da brecha da desigualdade social — que mais desigual se faz em termos de possibilidades de educação — e alargue o caminho da justiça social.

É que nas raízes imprecisas de tôdas as angústias da mocidade, uma angústia: a angústia da incerteza. Que incerteza? — A incerteza do amanhã. Não apenas a minha incerteza, a minha angústia, o meu amanhã. Não apenas as inquietudes e as inseguranças de um homem, de uma família, de uma classe, de uma nação. Mas as angústias de todos os irmãos no barro dos homens.

Que serei amanhã? Que ofício aquecerá as minhas mãos? E as outras mãos? E as mãos dos bilhões que, ano após ano, e sempre mais, nesta nação e em outras nações, em outras nações mais aflitas, se afligem nos vazios do desemprego? E as mãos que não lêem? E as mãos que não fazem? E as mãos que fazem e que enxergam, e ainda assim não encontram seu ofício de fazer? Ah, a angústia das mãos paradas! Mãos de silêncios e sombras. Ah, a angústia das mãos que não encontram o instrumento para que Deus as modelou! Ah, a angústia das mãos tementes do tempo sempre ôco no ôco das mãos!

Emprego, subemprego, desemprego. Trabalho, mercado de trabalho, trabalho para mim e para os outros, meus irmãos no barro dos homens, trabalho certo, trabalho que me faça a mim, trabalho que eu gosto de fazer, e você, e aquele ali, e as sombras de cabeças e mãos derreadas que vestem, vagarosas e várias, o vazio das praças

dos lugarejos de interior: trabalho para todos, para todos os que florescem a cada ano, eis o problema maior, eis o problema mesmo, o desafio na cara da coragem e do idealismo de cada um.

Em toda parte a mesma procura. Quem quer que já tenha provado seu pedaço de administração empresarial já ouviu o canto-chão dessa procura e já endureceu o coração no pó das esperanças mortais. Inscricões, pedidos, fichas, entrevistas, provas — ansiedade e nervosismo, silêncio e frustração. Quem quer que já tenha passado pela seção de pessoal da empresa próspera, já ouviu a voz gorda de quem decide bradar o óbvio de que empresa é produtividade e ali ninguém está para fazer caridade.

Em toda parte a mesma procura. Quem quer que já tenha provado seu pedaço de administração pública, já desviou tempo recolhendo a lamúria dessa procura.

O trabalho é o fio da vida. Dêle ela se tece. A luta pelo emprego, tomada nos seus aspectos individual e pessoal, considerada como microproblema capenga o nome de todas as mazelas: empregulismo, compadrio, nepotismo. Mas a luta vigilante e árdua, consciente e lúcida contra o subemprego e o desemprego, a luta pela ampliação do mercado de trabalho, pela multiplicação das oportunidades — em termos nacionais e científicos, sem demagogia e sem insensatez — é o problema maior desta fase do desenvolvimento de uma nação de nossas dimensões humanas.

Que se coloque a comunicação a serviço dessa luta, para que tudo se saiba sobre o mercado de trabalho, para que se conheça todo o nosso desafio: a necessidade de criar, cada ano, mais de um milhão de empregos.

Trata-se de oferecer aos jovens informações válidas sobre as perspectivas de educação e de trabalho em todas as áreas, em todos os meios, em todas as especialidades. Trata-se de caracterizar a gama variada de novas especialidades que o desenvolvimento está abrindo, de indicar os requisitos exigidos e os caminhos para o alcance desses objetivos. Trata-se de facilitar aos jovens o conhecimento de suas próprias aptidões.

Conheço muitos órgãos e instituições com esforços relevantes nesse campo. mas o certo é que, em nosso país, a infra-estrutura de comunicação e de informações referentes às oportunidades educacionais e ocupacionais carece de uma sistemática integração, apta a tornar ágil e acessível a todos, e especialmente aos jovens, a consulta a dados essenciais para o planejamento racional da vida profissional.

Apesar dos grandes esforços de Centro de Recursos Humanos do Ministério do Planejamento, do Departamento de Mão-de-Obra do Ministério do Trabalho, e do Departamento Universitário do Minis-

tério da Educação, apesar de fundações e instituições privadas realizando louváveis empreendimentos nesse campo, carecemos de um serviço nacional que permita apontar fontes, recursos, ocupações, escolas, atividades e tudo o mais que possa ser necessário para a compreensão e o conhecimento das oportunidades de trabalho, que todo cidadão terá à sua frente na medida em que possa estar bem informado.

São imensas as responsabilidades de integração de homens de Governo, de empresa e da Universidade, de educadores, de psicólogos e de comunicadores nesse campo de atuação. E essa integração deve ser buscada no tempo em que não haja centralização dessas informações e, mesmo depois, quando se venha a criar um sistema racional.

Gostaria de dar dois exemplos de iniciativas de relevância nesse campo. Quero referir-me, primeiro, a um projeto que está sendo desenvolvido entre o Instituto de Seleção e Orientação Profissional (ISOP), órgão da Fundação Getúlio Vargas, e o Estado-Maior das Forças Armadas (EMFA). O projeto é fácil de explicar, de execução extremamente complexa e de enorme repercussão nacional. Trata-se de submeter todo cidadão brasileiro do sexo masculino, no ato de seu alistamento militar, a um teste vocacional, com o qual se possa contribuir para a criação de um cadastro de nossos recursos humanos e, de outra parte, se dê ao homem uma orientação vocacional expedita. Pode-se avaliar o que venha isso a representar em termos de levantamento de nosso potencial humano. O projeto, a cuja frente se encontra esse grande idealista, que é o Dr. João Carlos Vital, desenvolve-se há cerca de dois anos, estando já agora em uma fase madura: a experimentação da bateria de testes. Desejo assinalar que um projeto dessas proporções só poderia ser desenvolvido com os recursos da tecnologia moderna, pois só o computador permitiria a apreciação de milhões de testes.

Outra iniciativa digna de registro é a produção de filmes sobre oportunidades educacionais e ocupacionais, que está sendo feita pelo ISOP em convênio com o INC.

REFLEXÕES FINAIS

Deixem que eu primeiro bendiga a lucidez dos mestres no desassombro de realizarem esta Conferência.

Quero dizer-lhes que o investimento maior da Conferência é o desafio, o desafio das idéias novas, o desafio de acelerar a nossa revolução educacional.

Creio em que o sentido grande deste encontro é abrir horizontes à preparação do magistério, antes mesmo de aberto o caminho das disponibilidades tecnológicas. É o anseio de renovar e inovar, o conhe-

cimento das técnicas, a motivação e a iniciação de professores ainda não tocados pelas mudanças tecnológicas e o estímulo aos pioneiros, que lá se vão à frente, muito à frente de nós, e que, assim superiores, generosos nos oferecem o que arrancaram de suas vigílias, de suas renúncias e da própria luz de seus olhos.

Tenho que, neste encontro e nas reflexões que ele levantar depois, haverá de amadurecer uma nova tecnologia educacional, que venha para mudar de verdade, para mudar métodos, processos, propósitos, atitudes, mudar para melhor; e não para manter a estrutura tradicional de nosso magistério, ainda que lhe trazendo a túnica da moda, sofisticada e dispendiosa, mas que não disfarça a mesma alma.

Tenho que neste encontro se leve em conta a advertência de Gilberto Amado: "Entre as reformas a serem empreendidas quando o Brasil começar a organizar-se e criar a sua técnica, em concorrência com a formação científica, o pensamento puro, a filosofia que o exprime, as letras que o valorizam, as artes que o ilustram, nenhuma sobrelevará àquela de formar um corpo de sábios, de pensadores, de humanistas, de homens. A civilização não pode resolver-se na máquina, prolongamento ou multiplicação do braço. A civilização precisará sempre de uma luz, que não será captada pela máquina e de um espírito que a máquina nunca poderá produzir."

Tenho que neste encontro, ao tempo em que se conhecem, se pesquisam e se discutem novos projetos e se põe a inteligência à frente, na projeção do que possa ser no futuro a educação, e o que venha a ser o homem de amanhã — falando idioma universal lógico, registrando e sondando a memória, informado por transmissão por onda dos cinco sentidos, aprendendo por ondas sobre o cérebro, hibernado longo tempo, duplicando a vida, ou mesmo se comunicando com seres de outros universos — tenho que neste encontro, também se contribua para compatibilizar o sistema social de Educação com o desenvolvimento global brasileiro e para concretizar-se, por meio de metodologia e de matrizes ajustadas à nossa realidade, a formação de recursos humanos que satisfaçam as carências do nosso progresso.

Confio que dêste encontro a Universidade saia mais fortalecida como centro de irradiação de desenvolvimento; mais ansiosa de integrar-se à empresa, ao Governo, à comunidade; ainda mais participante de projetos de valor para a dignificação da vida humana.

Creio em que a meditação sobre o custo das novas técnicas assegurará a convergência de esforços na expansão educacional insprada por uma nova mentalidade que, erradicando de vez as falácias da educação-direito ou da educação-favor, abriu, à luz meridiana, o caminho único de educação-responsabilidade.

Tenho que, ao longo destes dias, todos os que aqui vieram juntar-se, na flecha lançada muito à frente, pelos arqueiros do eminente